



## Os efeitos dos fundamentos saussurianos na reflexão enunciativa sobre Aquisição da Linguagem

Carmem Luci da Costa Silva<sup>1</sup> (UFRGS)

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo refletir sobre os efeitos dos principais fundamentos saussurianos nos estudos de aquisição de linguagem embasados na abordagem de Émile Benveniste. Como os fundamentos saussurianos presentes no Curso de Linguística Geral (CLG) e nos Escritos de Linguística Geral (ELG) influenciam a reflexão enunciativa sobre aquisição da linguagem? A pergunta é respondida por meio do diálogo entre os fundamentos saussurianos e benvenistianos com a consideração dos fatos enunciativos de uma criança acompanhada longitudinalmente dos onze meses aos três anos e quatro meses.

**Palavras-chave:** Saussure; enunciação; aquisição da linguagem.

**Abstract:** This article aims to reflect on the effects of the main saussurean fundamentals in language acquisition studies that are based on Émile Benveniste's perspective. How do the saussurean fundamentals from Course in General Linguistics (CGL) and from Writings in General Linguistics (WGL) influence the enunciative reflection on language acquisition? The question is answered through the dialogue among the saussurean and benvenistean fundamentals with the consideration of the enunciative facts from a child who was longitudinally followed from eleven months of age until three years and four months old.

**Keywords:** Saussure; enunciation; language acquisition.

## Palavras iniciais

Se cada língua comporta os princípios de linguagem saussurianos de *mutabilidade* e de *continuidade*, a aquisição da língua materna é o lugar privilegiado para observar o modo como esses princípios operam. Considerando tais princípios, nosso interesse neste artigo é o de pensar como os principais fundamentos saussurianos, presentes no Curso de Linguística Geral (CLG) e nos Escritos de Linguística Geral (ELG), apresentam-se no ato de aquisição de língua materna pela criança.

Como pontuam Fiorin, Flores e Barbisan (2014), no texto “Por que ainda ler Saussure?”, que abre o livro Saussure: a invenção da Linguística, o CLG é um discurso fundador. Concebemos que, ao mesmo tempo em que funda, também projeta outros discursos, caso dos estudos em aquisição da linguagem. Ainda que editado em outro momento, também os ensinamentos de Saussure presentes nos ELG têm muito a dizer para os estudos de aquisição de linguagem.

Interessa-nos refletir neste texto sobre a presença dos principais fundamentos saussurianos no estudo enunciativo de aquisição da linguagem. Para essa discussão, serão apresentadas pontuações sobre esses fundamentos para depois pensarmos como agem sobre as reflexões enunciativas que desenvolvemos em aquisição da linguagem (SILVA, 2009).

### 1. A linguagem na natureza humana: a criança na língua

“Saussure é em primeiro lugar e sempre o homem dos fundamentos”, observa Benveniste (1995, p. 35). De fato, na diversidade de dados empíricos e na consideração da linguagem como atividade humana, em que estão associados diferentes fatores – biológicos, físicos, psíquicos, individuais, sociais, históricos, estéticos e pragmáticos – qual deles pertence à língua? Ir aos fundamentos é o único meio de responder. Para que um dado possa existir como *fato* é preciso delimitá-lo, visto ter existência a partir da definição que lhe damos.

Para chegar à língua, o CLG apresenta a linguagem como uma faculdade dos indivíduos – física, fisiológica e psíquica – por isso multiforme e heteróclita. À língua é concedido o primeiro lugar entre os fatos de linguagem. Como “não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua” (CLG, 1916/1997, p. 18), essa

constituição se torna possível porque a língua está na prática de fala dos indivíduos, sendo, portanto, uma instituição social. Vemos, no CLG, Saussure anunciar a indissociabilidade homem-linguagem para explicar a língua como fato humano relacionado à sua dimensão social. Eis um dos fundamentos saussurianos: a língua, como um dos fatos da linguagem, é atividade humana e um tesouro pertencente a todos os indivíduos de uma mesma comunidade. A língua, portanto, como a parte social da linguagem, é o objeto da Linguística, ramo da Semiologia, ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social. E uma das tarefas do linguista é a de definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto de fatos semiológicos. Essa é uma das respostas que encontramos no CLG para as tarefas do linguista, que precisa perceber que a língua não é nomenclatura e que escapa à vontade individual. Aí reside a propriedade da língua e sua relação à Semiologia: “o signo escapa sempre, em certa medida, à vontade individual ou social, estando nisso o seu caráter essencial”. (CLG, 1916/1997, p. 25). Eis um fundamento importante, pois “se se quiser descobrir a natureza da língua será necessário considerá-la no que ela tem de comum com todos os outros sistemas de mesma ordem.” (*ibidem*).

No capítulo “Objeto da Linguística” do CLG (p. 21), encontramos a seguinte formulação: “Trata-se [a língua] de um tesouro depositado pela prática de fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade...”. (CLG, 1916/1997, p. 21). Considerada como o tesouro da coletividade, a língua é de ordem psíquica; e é justamente a faculdade de associação e de coordenação, desde que não se trate mais de signos isolados, que tem o principal papel na sua organização enquanto sistema. E aqui encontramos um dos fundamentos saussurianos: a língua é um sistema de signos. Esse sistema está relacionado à comunidade de falantes (social), enquanto a fala, realização da língua, está relacionada ao falante “e dela o indivíduo é sempre senhor” (CLG, 1916/1997, p. 21). No entanto, Saussure adverte: “Existe, pois interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta.” (CLG, 1916/1997, p. 27). Ao dar primazia à língua, um dos fundamentos, Saussure não descarta a fala, mas a considera na interdependência com a língua. Na verdade, assim como o signo linguístico é tomado em relação ao signo semiológico, um fato de fala é considerado na medida em que se revela como um fato de língua.

Por defender o estudo da língua como ciência histórica e não natural, nos ELG destacamos o fundamento de que que “a língua não é um organismo, ela não é uma vegetação que existe independentemente do homem, ela não tem uma vida que implique

um nascimento e uma morte” (ELG, p. 135). É por estar ligada ao homem que adota o ponto de vista da “Língua na história” e defende que não se conhece um povo sem conhecer sua língua ou ter dela alguma ideia. Deslocando a reflexão de Saussure para o contexto enunciativo, diria que não conhecemos um homem sem relacioná-lo com os modos como emprega sua língua. A passagem saussuriana encontra eco na posição de Benveniste de que “não é a história que dá vida à linguagem, mas é a linguagem que, por sua necessidade, sua permanência, constitui a história” (BENVENISTE, 1974/1989, p. 32) e também na sua reflexão sobre aquisição da linguagem:

A criança nasce em uma comunidade linguística, ela aprende uma língua, processo que parece instintivo, tão natural quanto o crescimento físico dos seres ou dos vegetais, mas o que ela aprende, na verdade, não é o exercício de uma faculdade “natural”, é o mundo do homem. (BENVENISTE, 1974/1989, p. 21)

Vemos, com os linguistas, que é ingênua a ideia de um período original na história do homem. Trata-se, segundo eles, de pura ficção. A linguagem é um fato humano: é, no homem, o ponto de interação da vida mental e da vida cultural. É inserido nessa concepção que Benveniste considera a existência de uma natureza duplamente paradoxal na língua, ao mesmo tempo imanente ao indivíduo e transcendente à sociedade. Essa dualidade, para o autor, encontra-se em todas as propriedades da língua e, como tal, manifesta-se na conversão da língua em discurso.

Pensar o estatuto do ato de aquisição da linguagem em uma concepção de língua na história tem nos encaminhado a observar e a contar como um saber e uma experiência na linguagem são produzidos pela criança para lhe permitir se historicizar na sua língua materna para fundar-se na dupla natureza (individual e social) da linguagem.

É nesse sentido que consideramos, a partir de Saussure e de Benveniste, que cada locutor possui uma história de enunciações, por meio da qual constitui a sua língua materna e o sistema de representações de sua cultura, estabelecendo-se, desse modo, como sujeito de/na linguagem.

Esses fundamentos dialogam com outras reflexões de Benveniste presentes nos Problemas de Linguística Geral I (PLG I) possíveis de serem deslocadas para se pensar o processo de aquisição da linguagem, conforme palavras do autor:

O locutor [...] tomou consciência do signo sob a espécie de “palavra”. Fez um início de análise linguística a partir da frase e no exercício do discurso.

[...] É no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Aí começa a linguagem. (BENVENISTE, , 1966/1995, p. 140)

\*\*\*

A linguagem se realiza sempre dentro de uma língua particular, de uma estrutura linguística definida e particular, inseparável de uma sociedade definida e particular. Língua e sociedade não se concebem uma sem a outra. Uma e outra são *dadas*. Mas também uma e outra são aprendidas pelo ser humano, que não lhes possui o conhecimento inato. A criança nasce e desenvolve-se na sociedade dos homens. São homens adultos, seus pais, que lhe inculcam o uso da palavra.” (BENVENISTE, 1966/1995, p. 31, *grifos do autor*)

As duas passagens de Benveniste atestam seu encontro com a afirmação de Saussure, pois “indivíduos de mesma comunidade” do mestre genebrino está em relação com “sociedade definida e particular” do mestre enunciativo. Nesse encontro, aparece também a relação entre “prática de fala” da passagem do CLG de Saussure e “exercício do discurso” da passagem do PLG I de Benveniste.

Deslocando para o processo de aquisição, pode-se argumentar com os linguistas que é na prática de fala e no exercício do discurso que a criança encontra o “tesouro” (língua), já que, nas palavras de Benveniste, língua e sociedade são dadas. Eis o lugar da língua para os seguidores de Saussure e de Benveniste: uma herança social e cultural.

Esse tesouro onde é encontrado? É Benveniste (1966/1995, p. 285) quem nos responde no PLG I: “Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. [...] É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem”. Trata-se, nesse caso, da ação do princípio de intersubjetividade constitutivo do ato de aquisição de linguagem, ação ilustrada nos recortes enunciativos a seguir.

Recorte enunciativo 1<sup>1</sup>

Participantes:	FRA (criança); CLA (babá); AVÓ e CAR (tia, filmando)
Idade da criança:	1;5.15
Situação:	FRA e AVÓ estão na cozinha. A AVÓ abre um armário e pega uma lata com bolacha. FRA abre e fecha o armário duas vezes.
01 AVÓ:	deu, deu <b>ah fechô!</b> Comi [= entregando uma bolacha a FRA], vamu guardá issu vamu guarda de novu [= com a lata na mão e FRA abrindo a porta do armário] @ guardei! [= colocando o pacote de bolacha na lata e fechando-a]

<sup>1</sup> Na transcrição, foram adotadas as seguintes convenções: um cabeçalho contendo os participantes da situação de enunciação, indicados pelas três letras iniciais do nome. Ainda entre parênteses é explicitado o grau de parentesco com a criança. Os turnos de diálogo são indicados pelas três primeiras letras do nome de cada participante. FRA indica as iniciais da criança estudada (Francisca). Os comentários do transcritor sobre aspectos da situação da enunciação são indicados com a expressão “com”. Entre colchetes [ ], são indicadas ações paralelas à fala e eventos não-linguísticos, como risos. A marca @ indica pausa breve, e a indicação XXX refere-se a segmentos não apreendidos pelo transcritor.

02 Com:	FRA abre a porta do armário, batendo-a em suas pernas.
03 AVÓ:	opa! Tá fecha
04 Com:	FRA fecha o armário.
05 AVÓ:	<b>fechô!</b>
06 FRA:	<b>oô</b>

## Recorte enunciativo 2

<i>Participantes:</i>	FRA (criança); CAR (tia, filmando) e AVÓ
<i>Idade da criança:</i>	2;00.28
<i>Situação:</i>	FRA brinca de cozinhar em sua casa, interagindo com a avó.
01 FRA:	qué mais? @ Qué mais? [= faz de conta que coloca mais alimento na panela]
02 AVÓ:	tem qui comê mais?
03 FRA:	tem
04 AVÓ:	tem? Ai meu Deus! Tô cheia já @ bom [= faz de conta que come]
05 FRA:	qué mais?
06 AVÓ:	qué
[...]	
07 Com:	a AVÓ pega a colher e faz de conta que come.
08 FRA:	<b>qué moçá @ qué?</b>
09 AVÓ:	<b>qué almoçá?</b> Queru
10 FRA:	<b>qué afé?</b>
11 CAR:	<b>queru café? Queru almoçá</b> também

## Recorte enunciativo 3

<i>Participantes:</i>	FRA (criança); CAR (tia, filmando); MÃE; PAI; EDU (irmão de sete anos); BET (irmão de quinze anos) e AVÓ
<i>Data da entrevista:</i>	02-11-2002
<i>Idade da criança:</i>	2;00.28
<i>Situação:</i>	FRA brinca em sua casa, interagindo com os familiares.
<i>Com:</i>	FRA brinca com uma boneca no carrinho.
01.FRA:	ai @ um quihu nenê tá [= dirigindo-se com a boneca para o banheiro]
02. Com:	FRA segura a boneca no vaso.
03. FRA:	pshi [= representa o barulho da boneca urinando] cocô [= tirando a boneca do vaso]
04. CAR:	cocô?
05. FRA:	é
06. CAR:	[= riso]
07. CAR:	ele já fez?
08. FRA:	já fez [= colocando a boneca de volta no carro]
09. CAR:	ah!
10. FRA:	<b>é baba nenê cocô</b> [= colocando a boneca no carro e empurrando o carro]
11. CAR:	ah é? Vai passeá com nenê agora?
12. FRA:	vô

O primeiro ponto a destacar a partir desses recortes é o de que a intersubjetividade é inseparável da atribuição de referência e, por conseguinte, é o que possibilita à criança

encontrar a língua, o tesouro, que lhe permitirá viver. Os fundamentos saussurianos de língua como sistema de signos e como tesouro que se partilha na prática de fala encontra lugar na reflexão enunciativa sobre aquisição da linguagem, pois é no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. A criança, ao se apropriar de formas para atualizar no discurso e produzir sentidos para o outro da alocação, é apropriada pelas formas e sentidos atualizados no discurso do outro, possibilitando sua instauração no funcionamento articulado de sua língua materna de modo singular. Isso porque, como vemos no recorte 2, suas formas enunciativas (linha 08 – “moçá” e linha 10 – “afé”) têm sentido a partir de seus empregos na frase, sentido esse ajustado na relação enunciativa, em que o locutário, ao se assumir como locutor, ressignifica o sentido da forma enunciativa do locutor (criança) com uma forma da língua (linhas 09 e 11 “almoçá” e “café”). A criança também, no recorte 1, retoma as formas do outro (linhas 01 e 05 – “fechô”) para integrar a sua (linha 6 – “oô”) e produzir sentidos.

A partir dessa análise, podemos responder à questão deste estudo com a seguinte formulação: o tesouro (metáfora saussuriana para língua), depositado e constituído nos interlocutores da criança, passa a ser próprio dela a partir das relações enunciativas que estabelece com o outro. A criança apropria-se da linguagem ao mesmo tempo em que é apropriada pela língua por meio do discurso do outro na enunciação.

Como os fundamentos saussurianos de mutabilidade e continuidade podem fornecer elementos para pensar o processo de aquisição da linguagem em uma abordagem enunciativa, fenômeno que prevê mudanças na relação da criança com a língua? Essa reflexão será desdobrada no próximo item.

## **2. O engendramento dos princípios de *mutabilidade* e *continuidade* na aquisição da linguagem**

Neste item, são colocados em destaque os princípios de mutabilidade e de continuidade, com a consideração da ordem própria da língua (seu “tecido”), que possui uma natureza articulada por combinações e associações. Para isso, recorreremos à reflexão saussuriana, presente no capítulo “Analogia e Evolução” (CLG, 1916/2000, p. 200): “A língua é um traje coberto de remendos feitos de seu próprio tecido.”

A passagem de Benveniste (1974/1989, p. 18) de que “todo homem inventa a sua língua e a inventa durante toda a sua vida. E todos homens inventam sua própria língua a

cada instante e cada um de uma maneira distintiva, e a cada vez de uma maneira nova” é possível se pensada no quadro de um mecanismo de funcionamento da língua no qual o locutor está inserido. Esse mecanismo para o autor é indissociável da relação forma-sentido, e dialoga, pela noção de relação, com a ideia de *língua como traje coberto de remendos de seu próprio tecido*.

Voltemos a refletir sobre os recortes enunciativos.

Destacamos, neles, o movimento de retomadas do discurso do locutor anterior pelo locutor atual e a ação da língua sobre a criança, por meio da operação de analogia. No primeiro recorte, o locutor-criança parece atualizar o discurso do outro da sua alocação com uma asserção (“oô”), apropriando-se das unidades mais aparentes marcadas pela tonicidade sintagmatizadas no fio do discurso pelo locutor-avó (“fechô) para produzir sentidos na interlocução. Já no segundo, o locutor-avó retoma o discurso do locutor-criança (“Qué almoçá? Queru”, linha 09, “Queru café? Queru almoçá também”, linha 11) com a paráfrase da interrogação em um movimento que repete a indagação ao mesmo tempo em que ajusta a forma para se certificar do sentido. No recorte 3, vemos a ação da língua sobre a criança, que realiza a operação de analogia ao atualizar a forma “é” associada a “está” e mostra a costura entre os eixos associativo e sintagmático. Esses movimentos revelam uma dupla apropriação – da língua e do discurso anterior do outro atualizado na relação *eu-tu* – e atestam o modo como os trajes são confeccionados. Trata-se do efeito que a enunciação do outro tem sobre a da criança e do efeito da enunciação da criança sobre a do outro. A analogia saussuriana que associa a língua a um traje permite o estabelecimento da seguinte relação: se a enunciação é um processo individual de apropriação da língua, enunciar é vestir um traje com remendos costurados singularmente pelo próprio locutor *com e para* o outro a cada ato de enunciação.

Mesmo que consideremos que a cada ato de enunciação todo homem modifica a sua relação com a língua, não podemos deixar de levar em conta o fato de que, na aquisição da linguagem, essa modificação destaca-se. É o momento em que o tecido para compor o traje língua de que fala Saussure é, ao mesmo tempo, escolhido e imposto na enunciação. Na verdade, o que a criança mostra é a apreensão particular desse tecido para produzir sentidos sempre novos a cada ato enunciativo. Para Saussure, a inovação da língua está vinculada ao fenômeno da analogia, que, para ele, é o fenômeno de transformação inteligente. Por isso, observa que:

Não há melhor maneira de perceber o que é isso do que escutar falar, por alguns minutos, uma criança de três a quatro anos. **Sua linguagem é um verdadeiro tecido de formações analógicas**, que nos fazem sorrir, mas que oferecem, em toda a sua pureza e candura, o princípio que não cessa de acontecer na história das línguas. (SAUSSURE, 2002, ELG, p. 140, grifo nosso)

Segundo ele, “a operação de analogia é mais viva e mais fértil na criança, porque ela se vê obrigada a confeccionar, a cada instante, [um] signo” (SAUSSURE, *op. cit.*, p. 140). Essa questão do fabricar língua também é problematizada por Benveniste (1974/1989, p. 19) no PLG II: “Cada locutor fabrica a sua língua, como ele a fabrica? Esta é uma pergunta essencial, já que ela domina o problema de aquisição da linguagem”. Saussure (2002, p. 140) nos ELG, bem antes de Benveniste, antecipa a questão e responde: “Ora, ela a fabricará sempre de acordo com o procedimento da analogia”

É o que revela a criança, no recorte enunciativo 3, com o uso dos verbos ser/estar no enunciado *é baba nenê cocô*, em que a presença de **é** no lugar onde caberia **está/tá** não é uma mera substituição de uma palavra por outra, mas a associação entre duas sequências possíveis “é brava” / “tá brava”, mas que no contexto prevê uma (“tá brava”) ao invés de outra. São marcas da ação da língua enquanto funcionamento simbólico sobre a criança na enunciação.

É nesse jogo enunciação-língua-enunciação que os dois princípios da linguagem de mutabilidade e continuidade, conforme Saussure (2002, ELG), atuam, no ato de aquisição. A continuidade da língua mantém-se porque vinculada às faculdades de *associação* (faculdade de relacionar - em ausência - elementos linguísticos que possuem algo em comum) e de *coordenação* (relações em presença de elementos na linearidade da fala), as quais, segundo o CLG, desempenham o principal papel na organização da língua enquanto sistema e, como tais, são constitutivas do tecido da língua. Dialogando com Saussure, diria, com Benveniste (1966/1995, p. 19), que se trata da “língua como organização e do homem como capaz de organizar a sua língua”.

Essa reflexão também encontra respaldo nos *Escritos*, quando Saussure traz uma passagem em que associa a língua a um riacho na montanha.

Observar a língua e se perguntar em que momento preciso uma tal coisa “começou” é tão inteligente quanto observar o riacho na montanha... o RIACHO existe enquanto se diz que ele nasce e que, reciprocamente, ele

nada faz além de nascer enquanto se diz [ ]” (SAUSSURE, 2002, *ELG*, p. 85).

A associação língua-riacho encontra eco na relação língua-enunciação, tratada por Benveniste (1966/1995, p. 83), quando afirma que “Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade de língua”. Assim como o riacho tem existência enquanto se diz que ele nasce, a língua tem existência quando enunciada por um locutor. É a enunciação que confere existência à língua-riacho. E para que a criança possa se instaurar na língua precisa banhar-se na enunciação a todo momento, pois, a cada vez que está na enunciação, ela marca seu movimento na língua, mas que, em momento algum, chega a entrar em conflito com a sua organização. Isso porque ela está em um movimento na língua em que, como diz Saussure (2002, *ELG*, p. 136), *tudo está ali*. Benveniste chama a atenção sobre esse fenômeno no texto “O aparelho formal da enunciação”: Trata-se [...] de um mecanismo total e constante que, de uma maneira ou outra afeta a língua toda” (BENVENISTE, 1974/1989, p. 82). Também, no texto “Da subjetividade da linguagem”, ele observa: “A linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor apropriar-se da língua toda” (BENVENISTE, 1966/1995, p. 288).

Essa reflexão dialoga novamente com os princípios de *continuidade* e *mutabilidade*, os quais estão presentes na passagem do CLG, p. 16, quando Saussure também reflete sobre a linguagem das crianças:

[...] a cada instante ela [linguagem] é uma instituição atual e um produto do passado. Parece fácil, à primeira vista, distinguir entre êsses sistemas e sua história, entre aquilo que ele é e o que foi; na realidade, a relação que une ambas as coisas é tão íntima que se faz difícil separá-las. Seria a questão mais simples se se considerasse o fenômeno linguístico em suas origens; se, por exemplo, começássemos por estudar a linguagem das crianças? Não, pois é uma idéia bastante falsa crer que em matéria de linguagem o problema das origens difira do das condições permanentes; não se sairá mais do círculo vicioso, então. (CLG, 1916/1997, p. 16)

De fato, se verificarmos que, na história da passagem do latim para o português, a redução de palavras manteve, do estado anterior do tecido da língua, a sílaba tônica, como em *dominu* > *dono* > *dom* / *tégula* > *telha* / *dígito* > *dedo* / *apícula* > *abelha* e, nos distintos estados do português de mudanças de formas para “você”: *vossa mercê* > *vossancê* > *você* > *cê*, vemos que os fatos de aquisição também apresentam essa tendência geral do falante de conservar do tecido da língua a marca tônica das palavras como fechou > *oô*/ *almoçar* >

moçá. Não queremos, com isso, estabelecer uma relação de equivalência entre as mudanças da língua no tempo com a aquisição, mas consideramos interessante o fato de que a criança, como falante de sua língua materna, conserva do tecido da língua as unidades mais aparentes para se enunciar, reforçando o argumento saussuriano de que, em matéria de linguagem, o problema das origens não difere do das condições permanentes.

Em uma concepção enunciativa de aquisição, os fundamentos saussurianos de *continuidade* e *mutabilidade* engendram-se no presente incessante da enunciação, que é o tempo por excelência da conversão da língua em discurso e que delimita, por referência interna, o que se torna presente e o que já não o é mais. Esse presente renova-se a cada produção de discurso e imprime, no locutor, o sentimento de uma continuidade.

O estudo em Aquisição da Linguagem é o lugar privilegiado de cruzamento dos princípios saussurianos de *continuidade* e *mutabilidade*, que impõem ao pesquisador articulá-los para explicar a inscrição da criança em sua língua materna. O movimento de renovação/irrepetibilidade de cada enunciação contém a continuidade e repetibilidade da língua, permitindo à criança entrar no seu riacho-língua.

## Palavras finais

Com o CLG, Saussure criou um novo objeto para a Linguística, a *langue*, e enunciou seus principais fundamentos: a linguagem é fato humano; o signo é um fato semiológico; a língua – sistemas de signos – é uma instituição social; o signo linguístico, como fato semiológico, é arbitrário; há interdependência entre língua (social) e fala (individual). Sua reflexão de língua passa pelo falante inserido na sociedade.

Ora, não é difícil perceber que, em todos esses princípios, o foco recai na língua, que, segundo Saussure, não equivale a uma nomenclatura; o próprio conceito de signo formulado pelo linguista não implica o privilégio da referência à coisa extralinguística, mas ao contrário, sua integração a um sistema que conhece sua própria ordem.

Essa nova concepção de língua como sistema de signos não superposta à realidade promoveu uma grande ruptura em relação ao modelo do convencionalismo clássico, com a sua crença de que a língua é um sistema de representações/designações que se sobrepõe à realidade: o signo linguístico “une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (CLG, 1916/1997, p. 80). É esse convencionalismo que Saussure se recusa

veementemente, posto que, para ele, a língua não tem nada que a associe às coisas. Por meio dessa definição, verificamos que é por meio da *relação* que o signo adquire *valor*, isto é, integra-se ao sistema do qual faz parte.

Assim, e isto está bem destacado nos fundamentos elencados acima, sublinha-se a ideia de que, na Linguística fundada por Saussure, tudo o que for estranho/externo ao sistema não interessa ao linguista, cabendo a este se ocupar com a descrição do funcionamento da língua enquanto sistema de signos, e não enquanto etiquetas que se aplicam a objetos previamente existentes. A formulação da concepção de sistema e, atrelada a ela, a de valor, faziam-se necessárias para o empreendimento teórico de Saussure, para que os linguistas da época não continuassem persistindo na ideia da língua como nomenclatura.

Para o mestre, aquilo que emana do sistema não são ideias dadas de antemão, mas sim valores “puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica é ser o que os outros não são” (CLG, 1916/1997, p.136). Concluímos, pois, que a noção de valor linguístico nos faz compreender, mais do que qualquer outra característica atribuída à língua, a sua essência enquanto sistema completamente desprovido de substância, importando apenas os valores dos signos que se definem pela pura diferença com outros signos da língua. É justamente o caráter relativo do valor que faz com que o sentido dos signos não esteja previamente determinado. É a relação – tanto associativa quanto sintagmática – entre os signos que produz valores como elementos que informam o jogo de sentidos na língua.

Ao se deslocar da enunciação para a língua e da língua para a enunciação com o outro, a criança encontra seu tesouro (sua língua materna), com seu sistema de valores diferenciais, para produzir discursos em um movimento sempre renovado. Tal como o movimento das águas no riacho que cai da montanha de modo repetível e permanente, mas também novo e singular para quem se depara a observá-lo em um dado momento no qual diz que existe, as escolhas que a criança faz do tecido da língua e o modo como engendra os remendos para compor o seu traje revelam o mesmo da língua (seu tecido) e o novo da enunciação (os diferentes remendos), aspectos fundamentais de uma abordagem enunciativa de aquisição da linguagem. Como a língua não é uma vegetação que existe independentemente do homem, o tesouro, que está com o outro, insere-se na relação enunciativa como lugar da “falta” para a criança e do desejo do que poderá se apropriar e,

nesse caso, o outro é aquele que a convoca a desejar convocar a sua língua para nela se historicizar.

## Referências Bibliográficas

- BENVENISTE, Émile (1966). *Problemas de lingüística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995.  
\_\_\_\_\_. (1974). *Problemas de lingüística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento e BARBISAN, Leci Borges (orgs). Por que ainda ler Saussure? In: \_\_\_\_\_. Saussure: a invenção da Linguística. São Paulo: Contexto, 2013.
- SAUSSURE, Ferdinand de. (1916). *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1997.  
\_\_\_\_\_. *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2002.
- SILVA, Carmem Luci da Costa. *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

---

<sup>i</sup> Docente do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua na área da Linguística, e seus principais temas de interesse são: aquisição da linguagem, estudo de texto e ensino de língua portuguesa nas abordagens enunciativas e argumentativas. Endereço eletrônico: clcostasilva@hotmail.com